

AS TROVAS BURLESCAS DE GETULINO: O PULO DO GATO NA LITERATURA NEGRA

Shirley FERREIRA*

Mestre pelo Centro de Ensino Superior de
Juiz de Fora – CES-JF.

E

Resumo

Este artigo apresenta um pequeno estudo sobre a vida e a obra de Luiz Gama. O tom denunciador de seus textos trouxe o reconhecimento da sociedade oitocentista. Entretanto, o escritor foi desconsiderado diante do cânone literário brasileiro, que prestigiava a ideologia dos europeus, levando Gama ao esquecimento na maior parte do século XX. Com a aparição de escritores negros e novos sujeitos sociais no final do século passado, esse autor passou a ser considerado como o precursor de uma poética que afirma a identidade negra pelos interessados em outra estética literária.

Palavras-chave: Luiz Gama. Literatura afrodescendente. Literatura brasileira. Identidade.

INTRODUÇÃO

É essa a perspectiva. Chega de dizer que o povo negro sofreu e chorou. Sabemos das atrocidades da escravidão, do racismo e, consequentemente, das desigualdades sociais e raciais deste país. Contudo, é com o propósito de enfrentá-las e aprendermos com quem não quis mais constatar o sofrimento e se ergueu, e se ergue, “além da dor”, que precisamos transitar. (A COR DA CULTURA, 2006, p. 37).

Partindo da reflexão, citada como epígrafe, a literatura pode ser pensada como um espaço privilegiado por parte de escritores e críticos interessados nos assuntos ligados a africanidades, pois constitui-se num caminho para se verificar a formação de uma tradição

negra no contexto da Literatura Brasileira, cujas produções conscientes distinguem-se do que era estabelecido historicamente, propondo uma representação deformada sobre o negro, que se resumia a imagens de lamentações e sofrimentos dos escravos. O olhar mais atento sobre essas produções mostrou que havia, na história da literatura brasileira, “muitas exclusões, hiatos, silêncios e lacunas dos discursos hegemônicos”. (MARTINS, 2010, p. 108). Assim, o estudo sobre esta escrita que se volta para as africanidades está se expandindo, diante da forma como se constituiu o cânone literário brasileiro, que desconsiderou a influência do negro no estabelecimento da identidade nacional. Ao negro se atribuiu uma imagem estereotipada, baseada em “indivíduos alienados ou serviçais, estando arraigado sempre ao legado da escravidão”. (SILVA, 2011, p. 23).

Entende-se que o papel da literatura na sociedade vincula-se às conjunturas históricas e ideológicas de um determinado tempo, como também se associa a uma estrutura estética, que dá origem aos chamados cânones literários. Considerando que foram legitimadas como tais as produções de uma restrita elite intelectual branca, e diante dos desdobramentos entre literatura e a sociedade, Souza nos mostra que:

A literatura tem sido um dos elementos mais importantes para a configuração identitária nacional de setores das elites no mundo ocidental. Sabedores da força da palavra, tendo consciência de que a cultura letrada desenha perfis e normas comportamentais e interage com as culturas populares, intelectuais do século XIX fizeram da literatura veículo de construção e transmissão de ideias e valores que compuseram os discursos oficiais sobre suas nações. (SOUZA, 2010, p. 212).

Ao focalizarmos o cenário do século XIX no Brasil, nos deparamos com o Romantismo, que trazia escritores e críticos literários dispostos a construir, via literatura, uma identidade própria para a nação brasileira. Logo, a afirmação da identidade nacional passou pelo viés da literatura, a qual estabelecia modelos que seriam representativos do país, como os elementos da natureza e o índio. Esse foi um movimento marcado pelo processo dialético entre a valorização das características locais e a equiparação da literatura aos moldes tradicionais europeus. (CANDIDO, 2006, p. 117).

Nessa busca, os escritores desse período os escritores procuraram “encontrar mecanismos capazes de legitimar a recém implantada nação, e a literatura oferecia-se como uma boa alternativa para a consecução desse objetivo”. (ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 9). Dessa forma, supervalorizaram os elementos da terra, idealizando um contexto edênico, no qual o índio aparece como um herói nacional. Entretanto, desqualificaram e proscreveram totalmente o negro e a sua cultura. Por isso Cuti infere que a “busca da nacionalidade, uma tônica da Literatura Brasileira, sempre foi marcada por equívocos e falsidades resultantes da idealização de uma identidade”. (CUTI, 1985, p. 17).

A visão que predominava sobre o negro até o Romantismo era de inferioridade. Assim, “não podia elevar-se facilmente [o negro] a objeto literário, à idealização, numa literatura ideologicamente ligada a uma estrutura de classes sociais rígidas”. (OLIVEIRA, 2007, p. 9). Essa condição à qual foi submetido negou ao afrodescendente o acesso ao universo letrado, ocasionando sua invisibilidade social e literária no Brasil.

O SURGIMENTO DA ESCRITA NEGRA

O reconhecimento sobre a participação de escritores negros e afrodescendentes na literatura do século XIX faz-se apenas na sociedade contemporânea. A recepção de suas obras contribui para desconstruir a visão que se tinha do negro. Além disso, as obras propõem uma nova vertente para a literatura no Brasil. Sobre esse aspecto, Duarte estabelece que:

a história da literatura brasileira vem passando, nas últimas décadas, por um vigoroso processo de revisão não apenas do corpus que constitui seu objeto de trabalho, como dos próprios métodos, processos e pressupostos teórico-críticos empregados na construção do edifício das letras nacionais. (DUARTE, 2010, p. 74).

Desde a década de 1970, percebe-se um comportamento mais engajado dos escritores com a causa dos negros e afrodescendentes. Estes por seu turno, assumiam seu pertencimento étnico “preocupados em marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira”. (PROENÇA FILHO, 2010, p. 57). Nesse contexto, Edimilson de Almeida Pereira, Cuti, Zilá Bernd, Domício Proença Filho, Luiza Lobo, integrantes do Movimento Negro e do grupo Quilombhoje, entre outros, se empenharam em consolidar uma literatura que abriu espaço para o “resgate da escrita dos afrodescendentes” (DUARTE, 2010), que no passado foi desqualificada, devido à estética branca dominante, que legitimava os padrões da lírica clássica. Para Sobrinho Segundo *et al*:

a recepção constitui o fenômeno que ocorre quando uma obra literária é lançada e que se repete, posteriormente, ao longo da história de sua existência, ou seja, este termo designa a acolhida que o público leitor de um determinado contexto histórico e estético dispensa a uma determinada obra, marcando, assim, a própria vitalidade do objeto literário, que se verifica por sua capacidade de se manter em constante diálogo com o público. (SOBRINHO, 2003, p. 28).

Segundo o teórico Iser (1979), toda obra literária tem um efeito que é uma resposta ou reação do leitor, que leva ao surgimento de novas orientações estéticas, normas de comportamentos, condutas so-

ciais ou ideológicas. Para que haja esse efeito é necessário que o leitor crie um sentido para o texto preenchendo pontos de indeterminação durante o ato de leitura, os quais, uma vez preenchidos, não têm força suficiente para alterar ou afetar a estrutura básica de uma obra de arte, considerada um objeto intencional. Sobre essa teoria, Costa ressalta que:

À continuidade e deslocamento da obra literária em época distinta, Iser (1996) se apóia em Jauss (1994) ao argumentar que os textos não se comunicam apenas com os leitores contemporâneos, mas, ao longo do tempo, dialogam com outros públicos sem perder seu aspecto inovador, assumindo formas diferentes conforme o repertório desse novo público. (COSTA, 2011, p. 23).

Com o advento de novos sujeitos sociais, tais como negros e afrodescendentes letrados, organizados no Movimento Negro brasileiro, influenciados pelo movimento norte-americano dos direitos civis, a obra de Luiz Gama foi redescoberta e sua releitura levou esse autor ao patamar de precursor da poesia negra brasileira ao valorizar a estética dos afrodescendentes e ao denunciar a sociedade oitocentista brasileira como racista e hipócrita. (CUTI, 2010). A historiadora Elciene Azevedo destaca que “seus versos traziam uma imagem cultural do negro, em vez de carregar sua vitimização e um eterno vínculo com o cativeiro. Celebrava, em alguns versos, a força de sua ascendência africana”. (AZEVEDO *apud* CÂMARA, 2010, p. 90).

Duarte concorda com Azevedo e cita ainda os autores Zilá Bernd e Domício Proença Filho, que consideram os versos de Gama “comprometidos com os valores da negritude” (DUARTE, 2010), denotando uma emancipação no discurso, não só individual como coletiva. Segundo Pereira, Luiz Gama obteve o reconhecimento e a afirmação da sua obra como “o divisor de águas na dicção negra”, cuja produção poética se deu pelo caráter dramático de seu destino. (PEREIRA, 2010).

A vida de Luiz GAMA

Como visto acima, o século XIX foi marcado pelo movimento de nacionalismo literário, cujos escritores buscavam elementos que se diferenciavam do período colonial, estabelecendo junto à literatura brasileira símbolos nacionais, como se verifica em traços do indianismo e do naturalismo. Os negros, mulatos e mestiços eram destituídos da constituição da nação. Nessa perspectiva, a população negra era descartada de participar da vida política, social e literária do país. Havia um desejo de que a nação brasileira fosse constituída somente por dois grupos étnicos: os indígenas e os europeus. Ocultaram deliberadamente que a população brasileira fosse composta, em grande parte, de negros. (PAULINO, 2010).

Diante desse processo secular de marginalização a que foi submetido o negro, sua trajetória na literatura brasileira não foi diferente.

Somente em meados do século XIX, perante um cenário em que este continuava invisível, surgiu o escritor Luiz Gama, que buscava romper com esse não reconhecimento do povo egresso do cativeiro. (OLIVEIRA, 2011).

Muito do que se sabe desse poeta foi baseado em uma carta, que Gama enviara a um amigo chamado Lúcio de Mendonça, em 25 de julho de 1880, a qual é considerada, por historiadores, como uma autobiografia escrita a próprio punho. Consiste em um único e valioso documento existente sobre sua vida. O seu nome completo era Luiz Gonzaga Pinto da Gama, natural de Salvador, Bahia, nascido em 21 de junho de 1830. Segundo ele, era filho de Luíza Mahin, uma negra africana livre que participava de constantes revoltas organizadas pelos escravos baianos durante a década de 1830, sendo levada para o Rio de Janeiro em 1837; logo veio a desaparecer, sem deixar nenhuma notícia. (BENEDITO, 2006). Seu pai, cujo nome sempre foi ocultado por Luiz Gama, era um fidalgo branco, que pertencia a uma família tradicional baiana de origem portuguesa, e chegou a jogos e a farras; vivia envolvido com problemas financeiros e acabou vendendo o próprio filho quando este tinha 10 anos de idade.

Após ter sido vendido na sua cidade natal, Luiz Gama foi levado para o Rio de Janeiro por um paulista para ser revendido em São Paulo, o que não ocorreu, pois se comentava que os escravos baianos eram rebeldes. Luiz Gama permaneceu na casa desse negociante até os 18 anos. Foi alfabetizado aos 17 anos de idade e, durante os anos seguintes, ao dominar a escrita e a leitura, conseguiu reunir provas de que era livre. Fugiu da casa do seu alferes, entrando para o serviço militar, onde ficou por seis anos, saindo graduado como cabo de esquadra.

Exerceu vários ofícios tais como amanuense, escrivão, jornalista e advogado prático (rábula). Não conseguiu frequentar o curso de Direito por perseguições de estudantes. Como escritor seu único livro, **Primeiras trovas burlescas de Getulino**, logo após o seu lançamento nos meados do século XIX, foi bem recebido tanto pela crítica literária quanto pelo público em geral, dando origem a uma segunda edição. Mas o seu sucesso foi breve, caindo no esquecimento posteriormente.

No dia 24 de agosto de 1882, o revolucionário abolicionista morreu aos 52 anos de idade. Seu enterro ficou marcado na vida dos paulistas como um acontecimento que entrou para os documentos históricos da cidade devido à quantidade de pessoas que queriam dar um último adeus àquele que dedicou a sua vida à causa abolicionista. Luiz Gama passou a ser lembrado mais como advogado dos escravos e abolicionista do que como poeta. (PAULINO, 2010).

A OBRA DE LUIZ GAMA

Como jornalista, escreveu nos principais jornais da imprensa paulista, que era um meio de comunicação de grande circulação na sociedade da época, criticou o governo vigente e lutou em favor das causas dos escravos.

Ao atuar como advogado, conseguiu libertar mais de quinhentos escravos, utilizando-se de várias estratégias devido à sua habilidade em interpretar e argumentar sobre as leis. Foi um dos pioneiros do Centro Abolicionista de São Paulo.

Aos vinte e nove anos, Luiz Gama publicou o seu primeiro e único livro **Primeiras trovas burlescas de Getulino**, que se caracteriza pela sátira. Seus versos tinham um viés político, que criticava os costumes e a política brasileira da época. Eram escritos com um peculiar senso de humor, mordaz e inteligente, como podemos observar nos trechos dos poemas abaixo.

PRÓTASE

Só corta com vontade nos malandros,
Que fazem da Nação seu Montepio;
No remisso empregado, sacripante,
No lorpa, no peralta, no vadio.
(Gama, 2011, p. 2)

SORTIMENTO DE GORRAS

(Para gente de grande tom)
Se temos deputados, senadores
Bons ministros, e outros chuchadores;
Que se aferram as tetas da nação.
(...)
Se a justiça, por ter olhos vendados,
É vendida por certos Magistrados,
Que o pudor aferrando na gaveta,
Sustentam que o direito é pura peta;
E se os altos poderes sociais,
Toleram essas cenas imorais;
(...)
(Gama, 2011, p. 6 a 8)

QUEM SOU EU?

(A Bodarrada)
Diz a todos que é doutor!
Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trai a justiça,
-Faz a todos injustiça-
Com rigor deprime o pobre
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
E só acha horrendo crime
No mendigo que deprime.
(GAMA, 2011, p. 56)

Logo a seguir, em outros poemas, o poeta assume a sua identidade negra, vê os preconceitos e contrapõe-se aos senhores aristocratas, que negavam ao Brasil qualquer ascendência africana:

LÁ VAI VERSO!

Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante *Orfeu de carapinha*,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som decanta da Marimba augusta;
E, qual Arion entre os Delfins,
Os ávidos piratas embaindo –
As ferrenhas palhetas vai brandindo
Com estilo que preza a Líbia adusta.
(GAMA, 2011: 3)

SORTIMENTO DE GORRAS

(Para gente do grande tom)
Se os nobres desta terra, empanturrados,
Em Guiné tem parentes enterrado;
E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
Esquecem os negrinhos seus patrícios;
Se mulatos de cor esbranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,
E, curvos à mania que os domina,
Desprezam a vovó, que é preta- mina:-
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois tudo no Brasil é raridade!
(GAMA, 2011, p. 6)

NO ALBUM

Do meu amigo J. A. da Silva Sobral
Ciências e letras
Não são para ti
Pretinho da costa
Não gente aqui.

.....

Não quero que digam
Que fui atrevido;
E que na ciência
Sou intrometido

Desculpa meu amigo;
Eu nada posso te dar;
Na terra que rege o branco
Nos privam te de pensar!...
(GAMA, 2011, p. 14)

NO ÁLBUM

Do Sr. Capitão João Soares
Ao peso do cativo
Perdemos razão e tino
Sofrendo barbaridades,
Em nome do ser divino!!
(GAMA, 2011, p. 14)

LÁ VAI VERSO

[...]
Ao rufo do tambor e dos zabumbas,

Ao som de mil aplausos retumbantes,
Entre os netos da Ginga, meus parentes,
Pulando de prazer e de contentes,
Nas danças entrarei d'altas caiumbas.
(GAMA, 2011, p. 3)

É importante ressaltar que toda a produção poética de Gama vislumbrava a causa da abolição, como também enaltecia a beleza da mulher negra, contrariando os cânones literários oitocentista, como se vê nos poemas abaixo:

A CATIVA
Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a cor,
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor.
Seus ingênuos pensamentos
São de amor juras constantes;
Entre a nuvem das pestanas
Tinha dois astros brilhantes.

As madeixas crespas negras,
Sobre o seio lhe pendiam,
Onde os castos pomos de ouro
Amorosos se escondiam.

Tinha o colo acetinado
– Era o corpo uma pintura –
E no peito palpitante
Tens um trono, mulatinha!...
(GAMA, 2011, p. 66 e 67)

Já na poesia **Quem sou eu?**, mais conhecida como **Bodarrada**, Gama se utiliza da palavra bode para explorar o mesmo sentido empregado, na época, para se referir aos mulatos e aos negros.

Quem sou eu?
(A bodarrada)

Se negro sou ou sou bod
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes ha de toda cast
Pois que a espécie é mui vasta...
Ha cinzentos, ha rajados,
Baios pampas e malhados,
Bodes negros, Bodes brancos,
E sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres,
Bodes ricos bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...

Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra.
[...]
Cesse, pois, a matinada,
Porque tudo é bodarrada!
(GAMA, 2011, p. 57 e 58)

Sua obra surgiu num contexto histórico de total desprezo pelos negros, época em que eles não eram considerados cidadãos, pois se acreditava que os mesmos não possuíam alma. Tal justificativa se dava pela cor da pele. Mas Gama aprendera a usar as palavras para denunciar essas afirmativas, escrevendo os versos abaixo, que demonstram que seu povo merecia ter um sepultamento digno:

NO CEMITÉRIO DE S. BENEDITO
Em lúgubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silêncio aos mortos dado.
Entre quatro paredes decoradas,
Que o capricho luxo não adorna,
Jaz da terra coberto humano corpo,
Que escravo sucumbiu livre nascendo!
Das hórridas cadeias desprendido,
Que só forjam sacrílegos tiranos,
Dorme o sono feliz da eternidade.
(GAMA, 2011, p. 76)

Segundo Heitor Martins, a participação de Luiz Gama na História da Literatura Brasileira foi pouco comentada ou reduzida, permanecendo nessa situação durante quase todo o século XX. Esse esquecimento, segundo o mesmo autor, deve-se à “preocupação arianizante que privilegia uma ideologia indianista como formadora da identidade brasileira, em detrimento da aceitação de uma contribuição negra”. (MARTINS, 2011, p. 88).

Entretanto, Elciene Azevedo (1999) encontrou, na escrita de Sud Mennucci, de 1938, referências sobre Luiz Gama que o consideravam como um fenômeno diante das agruras que sofrera durante sua vida. Também, em J. Romão da Silva, de 1954 há observações que concordavam com Mennucci e acrescentam que as poesias de Gama

Não tinham a preocupação com a forma perfeita dos versos dentro de uma concepção clássica, o que buscava era a facilidade de expressão para fazer a propaganda de suas idéias e, sobretudo, denunciava o que de podre havia na sociedade imperial. (AZEVEDO, 1999, p. 6).

Jauss (1994) critica os historiadores da literatura que seguem uma cronologia de grandes autores, num modelo de vida e obra, esquecendo os autores menores. A historiografia oficial considera mal visto

um historiador da literatura que se preocupa com vereditos qualitativos acerca de obras passadas.

A trajetória de Luiz Gama poderia torná-lo um homem dominado pelo ódio ou o levaria a cair no comodismo em favor de uma nação branca, por não ter capacidade de enfrentar os desafios que surgiram no seu caminho. Mas Gama venceu a escravidão, lutou contra o racismo e se tornou o precursor de uma literatura negra brasileira que vem ganhando espaço neste início de século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Luiz Gama, analisada do ponto de vista da Teoria Literária Clássica, é considerada inexpressiva e seus poemas não seguem a norma lírica oitocentista. Entretanto, a única obra desse autor vem despertando atenção ao longo do tempo, de forma diferenciada, ao trazer uma preocupação com a temática racial e a afirmação da identidade negra. O contexto histórico, no final do século XX e início do século XXI, favoreceu o surgimento de leitores que se identificam e acreditam na atualidade da sua obra.

O desmascaramento da sociedade daquele período, racista e preconceituosa, causa efeito significativo nos leitores da sociedade atual, embora os contextos históricos sejam diferentes. A sátira de Gama possibilita interpretações que propõem um novo olhar sobre as questões raciais no Brasil.

ABSTRACT

This paper presents a short study on the life and work of Luiz Gama. The denunciatory tone of his writings brought to him the recognition of nineteenth-century society. However, the writer was dismissed before the Brazilian literary canon, leading him to oblivion range for most of the twentieth century. With the appearance of black writers and new social subjects at the end of the last century, this author came to be regarded as the forerunner of a poetics that says black identity for those interested in another literary aesthetics.

Keywords: Luiz Gama. Afrodescendant literature. Brazilian literature. Identity.

REFERÊNCIAS

- A COR DA CULTURA. **Saberes e fazeres:** modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. V. I.
- AZEVEDO, E. **Orfeu de carapinha:** A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BENEDITO, M. **Luiz Gama: o libertador de escravos e sua mãe libertária**, Luiza Mahin. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

CÂMARA, N. **O advogado dos escravos**. São Paulo: Lettra.doc, 2010.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COSTA, M. H. M. da S. **Estética da recepção e teoria do efeito**. Disponível em: < www.diaadiaeducacao.pr.gov.br > Acesso em 27 jul.2011.

CUTI, L. S. **Literatura Negra Brasileira: Notas a respeito de condicionamento**. QUILOMBHOJE (org). **Reflexões sobre literatura afro-brasileira**. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, E. de A. **Literatura e afro- descendência**. In: PEREIRA, E.A. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 73 - 85.

GAMA, L. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. Disponível em: < www.quilombhoje2.com.br/trovasluisgama.pdf > Acesso em 27 jul. 2011.

ISER, W. **A interação do texto com o leitor**. In: JAUSS, Hans Robert ET alii. **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, H.R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

MARTINS, H. **Luiz Gama e a Consciência negra na literatura brasileira**. Disponível em: < www.afroasia.ufba.br > Acesso em: 10 jun. 2011.

MARTINS, L. **Lavar a palavra: uma breve reflexão sobre a literatura**. In: PEREIRA, E.A. **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 107- 131.

OLIVEIRA, S. R. S. **Luiz Gama: o poeta como um certo tipo de homem**. Disponível: < www.salvadornegroamor.org.br/ > Acesso em: 02 fev. 2011.

OLIVEIRA, L. H. S. de. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito**. 2007. 187f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PAULINO, M. R. **A estética do ser/estar no “entre lugares”**. **Imagens do negro, do mestiço, do mulato e do branco em Primeiras trovas burlescas de Getulino, de Luiz Gama**. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, E. de A. **Malungos na escola: questões sobre culturas afro-**

descendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2010.

SEGUNDO SOBRINHO, I. L. et AL. A atividade de concretização do (a) leitor (a) implícito (a) na estrutura narrativa: um estudo do folhetim "Laurentina". **Cadernos de Pesquisa**. São Luís. V. 14, n. 2, p. 24- 38, jul./ dez. 2003.

SILVA, S. **Literatura afro-brasileira**: uma identidade em questão. Disponível: < www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista > Acesso em: 10 jun. 2011.

SOUZA, Florentina. Cadernos Negros: literatura afro-brasileira. In: PEREIRA, E.A. **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 212- 227.

ZILBERMAN, R. e MOREIRA, M. E. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.